



“Professoras e professores são humanos”: desvelando fragilidades e dificuldades da docência

Mariana Silva Mancilha

Introdução

No “Dia das professoras e dos professores”, ano após ano, muitas reportagens são exibidas nessa data comemorativa e giram em torno da ideia de “heroísmo”, de professoras e professores que percorrem quilômetros para chegar à escola, que gastam do próprio dinheiro para custear os materiais dos alunos e/ou outras demandas, ou seja, que “se viram do avesso” para que os estudantes aprendam. Essas reportagens parecem trazer em si essas mensagens implícitas: “se esforce mais, professor”, “você, professora, reclama de barriga cheia”, “receber o salário não é suficiente, é preciso pagar para trabalhar”... Não são mensagens que buscam realmente valorizar as pessoas que dão vida à profissão docente.

Tudo o que esses profissionais fazem é louvável, porém proponho a quem ler esse texto que se volte para a pessoa da professora e do professor, que chega em casa com a “cabeça cheia”, que precisa lidar com as fendas profundas da desigualdade social, da falta de estrutura das escolas, entre muitas outras realidades desafiantes. São problemas das políticas públicas que vão muito além do que as mãos dos/das professores(as) conseguem alcançar.

Ora, se os docentes precisam “se virar do avesso” para trabalhar, é porque eles se deparam com as dificuldades mais básicas: seja de locomoção para o trabalho, de estrutura física escolar, de materiais básicos de ensino/aprendizagem.

Além disso, os profissionais sobreviveram a um passado recente dos tempos rígidos da pandemia, no isolamento social, em que a internet e o computador ou *notebook* se tornaram extremamente necessários ao trabalho. Pois “de uma hora para outra, tiveram que aprender novas formas de exercício da profissão, além de serem praticamente obrigados pelas suas instituições a

desempenharem outras funções que não são típicas do seu fazer pedagógico”¹ (Messias; Mancilha, 2020, n.p.).

Seja naqueles tempos, seja hoje, lá vai a professora, o professor, comprar o *notebook*/computador novo e o que mais for necessário para o seu trabalho, se endividando sem ter margem de orçamento para isso. “Hoje vivemos um impasse. Para fazer o que se espera dele, o professor precisa ganhar muito mais e ter condições de trabalho adequadas. Assim, salário e valorização andam de mãos dadas” (Weisz, 2002, p. 132). Do ano dessa citação para cá parece que não mudou muita coisa nesse processo de valorização.

Docentes não são polvos com vários “braços”, não são robôs, não são máquinas que agem por automatismos sem se cansar rapidamente, não são heróis, são pessoas. Sim, professoras e professores são pessoas! Parece tão óbvio, mas no cotidiano há quem parece se esquecer disso. Dizer que docentes são “pessoas” significa afirmar que são seres pensantes, relacionais, com capacidade de atribuírem sentido ao que fazem e que vivenciam a sua humanidade em todas as circunstâncias de sua vida, em especial no cotidiano do trabalho. Ou seja, trata-se de um alguém, com dignidade humana profunda e inalienável, e não algo que se possa coisificar e explorar sem nenhuma consequência vital (Mondin, 1980; Lima Vaz, 1992; Zilles, 2012). Consequentemente, professoras e professores ficam doentes, física e psiquicamente²; precisam cuidar da sua família; têm problemas pessoais; têm dificuldade para pagar as suas contas e muitas vezes vivem de empréstimo em empréstimo. Muitas professoras, em especial, precisam conciliar a atividade docente com os cuidados domésticos³ e a criação dos filhos. Enfim, professoras e professores são pessoas, não são heróis.

Nóvoa (2009) destaca três medidas necessárias para impulsionar a vida docente:

1- *É preciso passar a formação de professores para dentro da profissão.*

2- *É preciso promover novos modos de organização da profissão.*

¹ Naquele momento tiveram que aprender “na marra” a gravar e editar vídeos, além de ter que projetar a sua aula para uma tela, o que é muito diferente das aulas presenciais, fora as diversas gravações e o processo demorado de edição para que o vídeo pudesse se tornar atrativo. (Messias; Mancilha, 2020).

² Aqui abro um parêntese, porque estou com uma doença chamada artrite reumatoide, que afeta as articulações do corpo. Sinto dores e incômodos nas articulações e tenho dificuldades em meu cotidiano pessoal e docente devido à manifestação da doença. Quando estou em crise, tenho dificuldade de fazer qualquer atividade com as mãos, inclusive digitar textos. Acredito não ser coincidência estar escrevendo este ensaio no presente momento, porque de certa forma me sinto frágil, me sinto impotente, sinto que preciso respeitar o tempo da doença em meu corpo, ainda mais tendo em vista que o tratamento é de médio a longo prazo.

³ Nas conversas com as colegas de trabalho, a sobrecarga dos cuidados com a casa e os filhos são temas recorrentes, verdadeiros desabafos da carga pesada que carregam. Balança ainda desigual de um machismo que infelizmente insiste em existir, além da violência doméstica que muitas colegas podem estar sofrendo caladas e desamparadas, com riscos iminentes de feminicídio.

3- *É preciso reforçar a **dimensão pessoal** e a presença pública dos professores.* (Nóvoa, 2009, p. 21. Grifos meus).

O enfoque do presente ensaio está nessa terceira medida. Essa reflexão, esse reforço, essa lembrança de que é uma pessoa que exerce a profissão, e não uma máquina que é programada para fazer a sua função e que depois pode “deletar” a memória quando está cheia. Ou que se pode simplesmente colocar uma barreira de separação entre casa/trabalho, trabalho/casa. Quando é preciso lidar com a formação humana dos estudantes, o constante “pensar a profissão”, “pensar se estou cumprindo a função”, “repensar planejamentos, conteúdos, métodos”, perpassa a barreira da casa e vai para todos os cômodos, toma conta em todos os horários, em todos os dias da vida de um docente em atividade.

Ora, professoras e professores cuidam da formação humana de outras pessoas em qualquer idade, e, muitas vezes, as pessoas no cotidiano se esquecem de perceber a sua humanidade dentro da profissão. É tão comum pedir que haja a compreensão dos/das professores(as) com seus estudantes. E a compreensão com os professores? Com as diversas e duras batalhas que enfrentam diariamente? Como fica?

Tanto se escuta, se lê... “O professor precisa fazer...”, “O professor precisa ser...”, “O professor precisa alcançar...”. São olhares voltados para a interação professor/alunos, que são importantes também, mas é preciso olhar atentamente para a realidade humana das professoras e dos professores, para as suas rotinas, para as suas realidades, para as suas angústias, fragilidades, ou melhor, para as suas impotências e invisibilidades. “Há uma ausência dos professores, uma espécie de silêncio de uma profissão que perdeu visibilidade no espaço público” (Nóvoa, 2009, p. 22).

Aliás, há quem possa até mesmo pensar que um ensaio reflexivo como este é excesso de choramingas (Assis, 2020), que não se trata de um trabalho “aceitável acadêmica e cientificamente”, que é subjetivo demais para os critérios da exigente objetividade científica. Mas, quem faz a ciência e define sua pretensa objetividade? O sujeito humano, que se realiza como tal em um constante processo de subjetivação. Isso é mais um exemplo de que, seja a área que for, não devemos nos esquecer da pessoa humana em questão, pois se pode correr o risco de tornar as demandas humanas invisíveis em textos estritamente técnicos e objetivos. Em última instância, todos os nossos atos são integralmente envolvidos de subjetividade; e todas as nossas ciências, por mais exatas que pretendam ser, são ciências “humanas”.

Além disso, a chamada “formação continuada” de docentes se tornou uma “moeda de troca” para a valorização das suas carreiras. Pergunta-se a um governo (municipal, estadual ou federal) o que se tem feito para a valorização de professores(as) e, muitas vezes, a primeira resposta é: formação

continuada; cursos que podem ser enfiados “goela abaixo”, com prazos curtos para serem concluídos, como forma de chantagem para que possam conseguir uma futura – e talvez a longo prazo – promoção na carreira docente.

Consoante que a formação continuada tem a sua importância na vida da professora, do professor. Porém, é preciso ter atenção para a forma como esses cursos estão sendo usados. Se é para realmente ajudar nas práticas da docência ou se é imposta como uma forma de se isentar da responsabilidade de uma valorização integral do seu trabalho, de melhorar “o ser docente” ou silenciá-lo ainda mais.

Em diálogo com o tema, Nóvoa (2009, p. 22) destaca que: “Muitos programas de formação continuada têm-se revelado inúteis, servindo apenas para complicar um cotidiano docente já de si fortemente exigente”, além de trazer uma perspectiva negativa de consumo e de mercado nas diferentes modalidades de formação continuada (Nóvoa, 2009).

Ademais o chamado “apagão docente”, ou seja, a queda de futuros profissionais matriculados nos cursos de licenciatura, é um bom termômetro de que ser professora, professor, parece não estar no topo das idealizações de realização profissional.

“Assim, tornar a carreira docente atrativa implica, entre outros movimentos, aprofundar o debate sobre o ensino nos cursos de licenciatura” (Esquinsani; Esquinsani, 2018, p. 263). E os autores continuam a reflexão dizendo que é preciso “[...] apresentar, ao futuro professor, um panorama aproximado dos desafios da docência e dos instrumentos teóricos e práticos por meio dos quais tais desafios podem ser enfrentados. (Esquinsani; Esquinsani, 2018, p. 263)

Como valorizar de forma integral a professora, o professor? Como atrair futuros docentes para essa estimada e importante profissão? Dar atenção aos cursos de licenciatura e à função das formações continuadas estão nesse caminho, mas é fundamental, acima de tudo, pensar a qualidade da vida da pessoa que já assume ou vai assumir esse trabalho.

São tantas “precisanças”⁴ em seu trabalho que a professora, o professor, quer resolver todos os problemas da sua profissão, problemas que muitas vezes estão fora do seu alcance, que exigem políticas públicas eficientes de estrutura de trabalho (física, emocional, social), formando um desgaste entre a expectativa e a realidade da profissão. E que junto com tantas demandas humanas

⁴ Significa as muitas urgências que os/as docentes precisam resolver. Muitas demandas já planejadas, mas também muitas demandas de última hora, além do trabalho burocrático de relatórios, preenchimento de diários, entre outros.

da sua vida podem culminar em doenças⁵ físicas, em especial, as mentais, pois a sensação de fracasso, de não alcançar um nível que é inatingível pode ser avassaladora para a saúde mental.

Retomando os diálogos do início do texto, na próxima parte será feita a reflexão desse heroísmo atribuído à professora e ao professor.

O “heroísmo” docente: comparando ficção e realidade

As mensagens relacionadas ao heroísmo das professoras e dos professores, por lidarem com tantas situações difíceis e ainda por “salvarem os alunos”, na comparação do super-herói que salva a cidade do mal, são comuns durante todo o ano. Porém, no “Dia das professoras e dos professores” elas costumam ser mais intensas.

Pode-se pensar: que mal existe em comparar as professoras e os professores com heróis? A questão é a qual finalidade esse tipo de imagem irá atender. Consoante que “a visão do professor e da professora como ‘heróis’ tem servido de justificativa para manter suas situações de trabalho muito abaixo do que lhes é digno” (Messias; Mancilha, 2020, n.p.). E isso é sério. É como se essa imagem tivesse a função de “tampar o buraco” da desvalorização docente, de dizer que é preciso ser herói de forma permanente, pois as condições de trabalho continuarão as mesmas ou até piores, pois pode ser a realidade que for, “os/as professores(as) dão conta”.

Por isso, a seguir, serão feitas as comparações dos poderes e das qualidades dos heróis com os “poderes” e as qualidades humanas de docentes.

Capa: nas histórias dos heróis sempre tem uma capa que é colocada e que vai trazer o poder especial de voar e também para se preparar de alguma forma para o combate. Pode-se comparar a capa com o uniforme do professor. Será que quando ela ou ele coloca o uniforme todos os problemas desaparecem, como num passe de mágica, ou vão surgir forças sobrenaturais para sua “heroica” atuação docente?

Estar pronto(a) 24 horas por dia: Também os heróis estão prontos para salvar a cidade em qualquer horário, qualquer dia da semana. Será que os/as professores(as) têm um superpoder de sumir com as necessidades fisiológicas de sono, de fome, de funcionamento do seu corpo, parando tudo que está fazendo e atender ao chamado?

⁵ Vale ressaltar que não é a intenção desse texto trazer dados de pesquisa de campo sobre a saúde do professor, mas sim, destacar que muitos problemas de saúde dos/das professores(as) se desencadearam do próprio exercício da profissão. E os relatos de colegas que estão de licença por causa das doenças mentais é algo relevante para as discussões do texto.

Superpoderes: São vários poderes que heróis têm à disposição, seja de ficar invisível, de voar, de escalar montanhas, de fazer as coisas desaparecerem. Será que o/a professor(a) tem o poder de sumir com todos os problemas e doenças? De ficar invisível quando os “problemas apertam” no trabalho? De sumir com as contas que precisa pagar? De simplesmente aparecer os itens básicos que precisa comprar? De fazer “chover dinheiro” no mundo?

Combater monstros, dragões, zumbis: Sempre aparecem os vilões que desafiam os heróis, as heroínas, e depois de uma batalha dura os heróis sempre vencem. Será que os/as professores(as) são capazes de combater o monstro da desigualdade social, os dragões da fome e os zumbis da falta de estrutura familiar, tudo isso sozinho e em apenas uma batalha?

Fazer passar/voltar o tempo: Alguns heróis passam o tempo mais rápido ou precisam voltar no tempo para consertar algo que fez errado. Será que os/as professores(as) são capazes de fazer o tempo passar mais rápido para que os alunos aprendam em segundos e não em anos? Podem voltar no tempo quando acha que não fizeram o suficiente? Também podem regressar para sanar as defasagens dos aprendizados dos estudantes?

Ter um super meio de transporte: Os heróis contam com poderes de se locomover agilmente, seja com um supercarro, nave, entre outros. É possível abastecer o carro da professora e do professor de forma mágica? Do carro poder virar um avião para chegar mais rápido entre uma escola e outra? De entrar no ônibus sem precisar pagar passagem e sem superlotação?

Parece que esse “heroísmo” é o ar que o/a professor(a) precisa respirar para sobreviver na profissão. Messias (2023) considera como uma das marcas de colonialidade o que chama de *vocacionismo ou heroísmo docente*. Segundo o autor, “as situações de precarização do trabalho docente ainda seguem marcando nosso presente [...]” (Messias, 2023, p. 271). E continua seu raciocínio dizendo que é preciso “desnudar essas realidades, denunciar o ataque e/ou o descaso – por vezes, sistemáticos – à educação pela conjuntura política, garimpar em nossa história educacional as razões dessas situações, instigar ao debate público [...]” (Messias, 2023, p. 271).

De certa forma, o presente ensaio propõe um desnudar da pessoa da professora, do professor, de se refletir esse profissional por si mesmo, e não somente associado a algo ou alguém. Um desnudar de sua humanidade perdida em tantas “precisâncias” do “fazer isso”, “fazer aquilo”... O que muitas vezes pode tornar o seu trabalho automático, mecânico, não por vontade própria e sim por consequência de suprir tantas necessidades (humanas, sociais, laborais, reflexivas, governamentais, entre outros) ao mesmo tempo.

Além de tudo isso, infelizmente, podem haver competições entre os próprios professores, ranqueando performances e medindo quem “se mata mais” para conseguir atingir os seus alunos.

Será que atinge os alunos ou se massageia o seu ego? Será que a sensação de ter “vencido” o outro ultrapassa a sensação de ter cooperado com o outro?

Enfim, são algumas reflexões importantes sobre esse heroísmo que sempre “atinge o impossível e salva o mundo”. Essas são metas inalcançáveis ao ser humano. Porém, quando professoras e professores anulam a sua humanidade e querem fazer do seu trabalho um constante “suprir de necessidades” que estão muito além do alcance das suas mãos, corre-se o risco de vir o sentimento de fracasso, tristeza profunda, doenças físicas e mentais, como foi discutido na parte anterior. É importante aprofundar nas reflexões sobre as fragilidades, o que será feito na parte a seguir.

A existência das fragilidades no cotidiano da vida e da profissão

Reconhecer as fragilidades dos seres humanos e em especial dos/das professores(as) não é ser vitimista. As fragilidades de cada ser humano são diferentes de acordo com o tipo de vida, com a idade, com acontecimentos marcantes, entre outros.

No Dia das professoras e dos professores há mensagens compartilhadas nas redes sociais que possuem um teor em sua maioria, romantizado, alegre e positivo da vida docente. Quando há uma mensagem mais reflexiva⁶ sobre os direitos das professoras e dos professores, ou mesmo expondo insatisfações, esse tipo de mensagem não terá tantas “curtidas” quanto a primeira. Aliás, Messias (informação verbal)⁷ disse em uma palestra que a própria palavra “curtir” ganhou um novo sentido com as redes sociais, porque antes as pessoas curtiam as roupas para serem tingidas, ou seja, ficavam um bom tempo para “pegar a cor”. Hoje a curtida é feita em segundos e não se demora, não se “curte” esse momento, é tudo muito rápido.

Parece que as mensagens postadas que exigem uma reflexão são “excluídas” de serem queridas porque justamente precisa “curtir” (ficar pensando um tempo), questionar, e também se colocar no lugar do outro⁸. A tristeza, o fracasso, a fragilidade são sentimentos menos expostos pelas pessoas, seja na vida ou nas redes sociais.

Aliás, as redes sociais estão sendo uma plataforma para postagens “extraordinárias” de professores(as) que fazem atividades inusitadas para atrair a atenção dos estudantes. Seja com fantasias diferentes, com comida, com *stand-up*, com shows musicais, entre outros. O enfoque da discussão é a mensagem que essas postagens passam, de que para se destacar como profissional é

⁶ Inclusive nos últimos anos tenho sido reflexiva na mensagem de “Dia dos professores” e recebo pouco ou nenhum retorno, muito diferente das mensagens romantizadas dos outros anos que eram comentadas com palavras e/ou *emojis*.

⁷ Comentário proferido pelo professor Elvis Rezende Messias em palestra de abertura ministrada na Semana Acadêmica dos cursos de Letras e de Pedagogia do Centro Universitário Itajubá, em outubro de 2023.

⁸ Um tipo de atitude cada vez mais engolida pelo egoísmo.

preciso se “virar de forma extraordinária”. E os(as) professores(as) já se “viram de forma extraordinária” para conseguir escrever num quadro deteriorado, trabalhar numa sala sem ventilação adequada, atrair a atenção de alunos desinteressados em estudar, manter a disciplina em salas lotadas. Esses esforços básicos que exigem tanto da professora, do professor, muitas vezes não ganham destaque, não “viralizam”.

Vale destacar que a Covid-19⁹, em especial no começo, foi um momento recente de fragilidade humana no mundo. Ou seja, de ter uma doença invisível que não tinha vacina e que impunha a necessidade de isolamento em casa para se evitar contaminação. Muito se dizia que esse acontecimento faria com que as pessoas ficassem mais generosas, mais unidas, mais solidárias aos muitos que estão no “mesmo barco”. Porém a negação da doença fez com que essa fragilidade, para algumas pessoas, se transformasse num falso “ímpeto” de retomar a vida de forma “normal”, o que por consequência pode ter trazido novas contaminações.

Por fim, essa pequena reflexão sobre a fragilidade nas redes sociais e na saúde, num momento de pandemia, mostra que ela está presente na vida, no cotidiano. E como lidar com as fragilidades das pessoas dos/das professores(as) com os dilemas da sua vida e da profissão?

O ponto de partida para essa reflexão é o reconhecimento de que os(as) professores(as) precisam ser “[...] pessoas inteiras. Não se trata de regressar a uma visão romântica do professorado (a conceitos vocacionais ou missionários)” (Nóvoa, 2009, p. 39). E essa visão romântica, heroica e até filantrópica “embaça” as fragilidades, as insatisfações da profissão, dando a impressão de que “[...] ‘está tudo bem com os professores’. Mas não está!” (Messias; Mancilha, 2020, n.p.).

Embaçar as fragilidades, insatisfações, tristezas da profissão não ajuda em nada ao trabalho, pelo contrário, fingir que isso não existe pode trazer consequências ruins para a qualidade de vida pessoal e profissional. Porém, vale ressaltar que o reconhecimento das fragilidades da profissão, seja de forma individual ou coletiva, não pode ser usado para justificar a má qualidade do trabalho da professora, do professor, num vitimismo que se apresenta como uma lamentação constante de que o trabalho está ruim, nada vai melhorar e que isso por si só respalda o péssimo trabalho docente.

Vale ressaltar que o presente ensaio não tem a função de elencar quais são as principais fragilidades das professoras e dos professores, e sim procura chamar a atenção para o reconhecimento da existência delas. Até porque isso exigiria uma criteriosa, e demorada, pesquisa de campo. Muito mais do que trazer soluções, o texto propõe um desnudar de uma epistemologia que o tempo todo

⁹ Não é intenção desse texto fazer uma pesquisa aprofundada sobre os muitos impactos da Covid-19, e sim trazer indícios de que esse foi um momento de uma certa fragilidade coletiva, pelo menos daqueles que tinham medo da doença.

destrói os docentes: seja não reconhecendo a sua relevância com comentários pejorativos¹⁰, seja a obrigatória reprodução do “heroísmo” de salvar o mundo, seja a falta de compreensão quando os/as professores(as) aderem à greve na luta para melhoria dos seus direitos. Tudo isso, junto com tantas outras atitudes citadas aqui, mostra que a trama que busca desintegrar, isolar e adoentar o professor é grande e complexa.

Sobre essa trama de desvalorização, vale destacar que desde muito tempo na história do Brasil, os(as) professores(as) lutam por melhores condições de trabalho e por uma valorização integral. Messias (2023), ao relacionar o Manifesto de professores do Império de 1871 com a realidade atual, destaca a “experiência de vulnerabilidade profissional e mesmo pessoal do professorado brasileiro, procurando marcar para a sociedade o que parecia não-marcado e oculto para ela acerca do cotidiano docente [...]” (Messias, 2023, p. 209). Tendo como pautas persistentes até hoje a “depreciação à sua carreira e lugar social, o baixo salário e a luta por maior unidade e identidade de classe” (Messias, 2023, p. 209).

Nesse sentido, ao escrever sobre os desafios de ter excelência na profissão e buscar o equilíbrio pessoal e profissional é importante ouvir os(as) professores(as). Porém, parece que as pessoas não conhecem, ou até mesmo não procuram conhecer os desafios “ocultos” desse trabalho. Por vezes, se escutam comentários que tacham professores(as) de reclamões, de não serem gratos por tantos benefícios em sua vida docente. Isso pode vir, até mesmo, dos próprios professores, daqueles conformados: ou porque desistiram de tanto lutar, ou porque acham que temos o suficiente, ou acreditam na filantropia do trabalho, ou porque queriam outra carreira e estão acomodados, entre outros.

Por isso, a qualidade de vida do “ser professor” precisa ser buscada, debatida e almejada, tanto quanto se busca a qualidade da educação. E para isso, é preciso refletir sobre o que não está bem, sobre o que urge ser melhorado e isso é uma das formas de valorização da professora e do professor. Pois abafar aquilo não está bom serve para que a visão da vida docente continue embaçada pelo tripé romantismo-heroísmo-filantropismo.

É importante, contudo, ressaltar qual é o conceito de fragilidade no dicionário: “Característica do que é frágil, do que se quebra facilmente. Tendência natural para quebrar; fraqueza” (Fragilidade, 2023).

¹⁰ “Era como se professoras e professores estivessem em situação sistemática de exclusão dos pretensos avanços e expectativas, vivendo marginalmente, ‘oprimida, ludibriada, escarnejada, e, o que mais é, humilhada pela injustiça com que os poderes do estado a apellidão constantemente de ignorante!’, segundo as próprias palavras do Manifesto (1871, p. 188)” (Messias, 2023, p. 209).

Quando um objeto de vidro quebra, só se pode recolher os cacos e dar um destino a ele. Porém, com as pessoas não é assim. Quando se “quebra”, quando se vive decepções, insatisfações que demonstram essa fraqueza, é hora de recolher os cacos e de dar um novo sentido ao que foi vivido, de juntar os aprendizados e seguir em frente até “quebrar” novamente, e assim sucessivamente. É claro que quando essa fragilidade supera um nível normal da vida, é necessário consultar profissionais para que, como eles dizem, tenha uma certa indiferença afetiva diante dessas fragilidades.

Pensando a vida docente, quantos colegas devem ter recolhido os “cacos pontudos” de: intolerância, desrespeito, anulação de sua humanidade, abafamento da sua voz, solidão e desamparo. Cacos que podem ter gerado até um fim de sua carreira¹¹.

Por fim, as fragilidades de forma individual e coletiva estão presentes para serem desabafadas, refletidas, repensadas e ressignificadas. A docência vai muito além da “[...] necessária tecnicidade e cientificidade do trabalho docente” (Nóvoa, 2009, p. 39). As professoras e os professores são pessoas! E as práticas e técnicas do trabalho “não esgotam todo o *ser professor*. E que é fundamental reforçar a pessoa-professor e o professor-pessoa” (Nóvoa, 2009, p. 39).

Nesse sentido, o respeito é uma palavra importante na vida. O respeito é, nesse sentido, “[...] reconhecer, aceitar, apreciar e valorizar as qualidades do próximo e os seus direitos. Por outras palavras, o respeito é o reconhecimento do valor próprio e dos direitos dos indivíduos e da sociedade” (Respeito, 2024).

E as pessoas travam uma luta diária para a efetiva existência do respeito a todos diante de tantos preconceitos e discriminações. Negar as fragilidades das professoras e dos professores, abafar o cumprimento dos seus direitos e fazer da prática do ensinar um trabalho filantrópico para suprir as carências de uma escola, de uma cidade, de um país, são fissuras que enfraquecem a atuação desses importantes profissionais da educação.

Considerações finais

“É fundamental reforçar a pessoa-professor e o professor-pessoa” (Nóvoa, 2009, p. 39). O objetivo desse texto foi trazer reflexões da pessoa da professora, do professor, lembrando sobre essa humanidade que por vezes parece esquecida, abafada em tantas “precisanças” do trabalho, da vida.

¹¹ Weisz (2002) tem um capítulo intitulado de “Meu batismo de fogo”. Pensei que tive também esse batismo de fogo no início da minha carreira. Foram tantos “cacos” que tive que juntar de uma vez que achei que a docência não era pra mim, que não daria conta de lecionar, que o curso de Pedagogia seria apenas uma ilusão na minha vida e que teria que fazer outra faculdade. Foi difícil, foi dolorido, mas que bom que eu consegui recolher esses “cacos”! Por isso estou aqui com mais de uma década de carreira.

Além da imposição de tantas demandas impossíveis de serem supridas que envolvem políticas públicas educacionais, sociais e econômicas (desigualdade social, falta de estrutura escolar, falta de serviços básicos aos alunos, desestrutura familiar, falta de salário decente, entre outros) bem além de onde suas mãos alcançam e seus pés pisam.

E entre tantos planejamentos, pesquisas e práticas na interação docente-discente, docente-ensino, docente-teoria-prática, é necessário o diálogo da pessoa do(da) professor(a), dela ou dele em si e não exclusivamente associado a outras necessidades. E são muitas as demandas de vida que se misturam às demandas da profissão: as preocupações relacionadas ao cuidado com a família, esforços para equilibrar as contas, problemas de saúde. Conciliar a tão exigente vida de ser professor(a) com a vida pessoal, familiar e social requer um grande esforço.

Na data comemorativa do Dia das professoras e dos professores esse esforço é até reconhecido. Mas muito mais numa perspectiva heroica do “continue assim!”, do “siga o exemplo da postagem nas redes sociais”, do que numa perspectiva reflexiva acerca “do que é necessário melhorar”.

Nessas datas, o “heroísmo” ganha mais evidência. A pessoa que dá vida à docência não pode contar com uma *capa mágica*, com *superpoderes*, com *supercarros*, *supernaves*, ou mesmo fazer *passar ou voltar o tempo* quando precisa. Além de não poder contar com o superpoder de simplesmente desaparecer e evitar lidar com tantas situações complicadas, embaraçosas. Não é à toa que nas conversas do cotidiano com colegas de profissão a palavra cansaço aparece muitas vezes. O sarrafo está alto, a carga está pesada e se acredita que o que vai resolver esses problemas são cursos e mais cursos de formação continuada.

A valorização integral do trabalho docente nas esferas humana, moral, financeira e social é indispensável. É urgente um respeito integral ao trabalho docente, que é árduo, “de sol a sol”, de dia após dia, que não é fácil, que depois de um ano letivo inteiro trabalhando com as dificuldades dos alunos ainda vem uma certa sensação de fracasso, de ainda não ter feito o suficiente.

A qualidade do trabalho da professora e do professor precisa ser refletida, discutida, ressignificada. Não é à toa que o comprometimento da saúde mental docente tenha ganhado destaque nas licenças para tratamento de saúde, pois parece que essa qualidade está sendo constantemente deteriorada.

Reconhecer e lembrar a existência de algumas das muitas fragilidades da pessoa da professora e do professor é uma das formas de valorização do seu trabalho, de voltar o pensamento para a sua humanidade no suprir das suas necessidades como ser humano que busca a felicidade, a realização de forma completa.

“Os professores são profetas da esperança, são pessoas que investem em sua ‘fé’ no ser humano, em sua fé na vida... Mas isso precisa ser alimentado concretamente, historicamente, pela valorização ‘moral’ sim, mas também ‘estrutural’, integralmente” (Messias; Mancilha, 2020, n.p.).

Fugindo do vitimismo, do heroísmo, do romantismo e do filantropismo e traçando um caminho de respeito, de diálogo, de valorização, de pesquisas e estudos que buscam o verdadeiro reconhecimento da pessoa da professora e do professor, é possível recolher os “cacos” e ressignificar a nossa tão desvalorizada, porém estimada profissão. Estimada, acredito, pela essência que nos impulsionou a fazer licenciatura.

Referências

- ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. Organização de Silvana Oliveira e de Valdir Prigol. Chapecó: EdUFFS, 2020.
- ESQUINSANI, Rosimar Serena Siqueira; ESQUINSANI, Valdocir Antonio. O “apagão” docente: licenciaturas em foco. Revista **Contrapontos**, Itajaí, vol. 18, p. 258-269, jul.-set., 2018.
- FRAGILIDADE. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7 Graus, 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/fragilidade/>. Acesso em: 18 nov. 2023.
- LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. **Antropologia filosófica II**. São Paulo: Loyola, 1992.
- MESSIAS, Elvis Rezende. **Marcas de colonialidade cultural na formação filosófico-educacional brasileira**. 2023. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Nove de Julho: São Paulo, 2023.
- MESSIAS, Elvis Rezende. MANCILHA, Mariana Silva. Dia dos professores? 2020. In: ANPED. **Boletins**. Disponível em: <https://anped.org.br/news/dia-dos-professorescolaboracao-de-texto-por-elvis-rezende-messias-gt-17-e-mariana-silva>. Acesso em: 16 nov. 2023.
- MONDIN, Battista. **O homem, quem é ele?** Elementos de Antropologia Filosófica. São Paulo: Paulinas, 1980.
- NÓVOA, Antônio. **Professores: Imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2009.
- RESPEITO, In: CONCEITO DE. Atualizado em 5 de Junho de 2019. Disponível em: <https://conceito.de/respeito>. Acesso em: 09 jun. 2024.
- WEISZ, Telma. **O diálogo entre ensino e a aprendizagem**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- ZILLES, Urbano. **Pessoa e dignidade humana**. Curitiba: CRV, 2012.

Autora:

Mariana Silva Mancilha

Mestra em Educação pela Universidade Federal de Alfenas. Especialista em Gestão Escolar pela Faculdade Victor Hugo. Especialista em Psicanálise Clínica pela Faculdade Metropolitana do Estado de São Paulo. Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Victor Hugo. Docente da Escola Estadual Vital Brasil (SEE/MG, Campanha).

E-mail: ma_flauta@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2219-2010>

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9091096622830762>